

ONCOCLÍNICAS

JOURNAL
GASTROINTESTINAL

Publicação médico-científica da Oncoclínicas

Edição Especial - Gastrointestinal - 8º Simpósio Internacional



8º SIMPÓSIO INTERNACIONAL

**ESPECIALISTAS ENFATIZAM A IMPORTÂNCIA
DA MULTIDISCIPLINARIDADE NO TRATAMENTO
DE CÂNCER GASTROINTESTINAL**

COMISSÃO CIENTÍFICA



Bruno Ferrari
*Fundador e Presidente do Conselho de
Administração do Grupo Oncoclínicas*



Carlos Gil
Presidente do Instituto Oncoclínicas



Sérgio Azevedo
*Coordenador Científico do
8º Simpósio Internacional Oncoclínicas*



Paula Ugalde
*Coordenadora Cirúrgica do
8º Simpósio Internacional Oncoclínicas*

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO



Alexandre Jácome
Oncologista Clínico
Oncobio - Oncoclínicas MG



Ramon Mendes
Chefe do Serviço de Coloproctologia
HSI - Oncoclínicas BA



Roberto de Almeida Gil
Oncologista Clínico
Oncoclínicas RJ

ÁREA: TRATAMENTO MULTIDISCIPLINAR

ESPECIALISTAS ENFATIZAM A IMPORTÂNCIA DA MULTIDISCIPLINARIDADE NO TRATAMENTO DE CÂNCER GASTROINTESTINAL

Discussão sobre tratamento precoce do câncer de pâncreas e cirurgia minimamente invasiva no câncer de reto marcou a sessão gastrointestinal no 8º Simpósio Internacional Oncoclínicas.

A necessidade de integração entre os diferentes especialistas envolvidos no tratamento oncológico dos pacientes com câncer gastrointestinal foi valorizada nas discussões do 8º Simpósio Internacional Oncoclínicas, realizado de maneira virtual no dia 20 de novembro.

“A principal mensagem que o simpósio deixou é que o médico não pode trabalhar isolado, e, diante de um paciente com neoplasia maligna do trato gastrointestinal (TGI), as abordagens multidisciplinares devem ser privilegiadas. Discussões entre oncologistas clínicos, cirurgões oncológicos, radiologistas, radioterapeutas e patologistas permitem estabelecer a melhor estratégia de tratamento, individualizando a conduta”, afirma Roberto de Almeida Gil, oncologista clínico da Oncoclínicas RJ e um dos coordenadores do evento. “Pensando em

conjunto, chegamos a melhores soluções do que poderíamos fazer separadamente”, frisa Gil.

Durante o simpósio, o médico Ramon Mendes, chefe do Serviço de Coloproctologia do Hospital Santa Izabel, em Salvador, coordenou uma cirurgia minimamente invasiva de câncer de reto precoce. A ressecção do tumor foi feita via transanal com o uso de uma plataforma robótica. Nesse procedimento, o tumor é retirado sem necessidade de incisão da parede abdominal. “As vantagens são recuperação mais rápida, alta precoce, em 24 horas, voltando à rotina normal em três dias, sem dor no pós-operatório”, completa o experiente cirurgião.

Segundo Mendes, o robô permite maior precisão nos movimentos, trazendo mais segurança na exeresse do tumor. “A cirurgia robótica, com

ressecção transanal, ainda está em fase inicial de incorporação no Brasil, com poucos pacientes operados pela técnica até este momento”.

Um dos entraves para a expansão do método, de acordo com ele, é a falta de acesso aos robôs e de equipes treinadas com curva de aprendizado nesse tipo de cirurgia robótica.

Ainda na temática de câncer de reto, o médico convidado James Cleary, diretor de Ensaios Clínicos em Câncer Gastrointestinal do Dana-Farber Cancer Institute, discutiu a abordagem atual de câncer de reto localmente avançado enfatizando o conceito de tratamento neoadjuvante total. “O tratamento era feito com rádio e quimioterapia, antes da cirurgia, com complementação após a cirurgia com quimioterapia adjuvante, em duas etapas. No conceito atual, baseado em estudos recentes, todo o tratamento é feito antes do procedimento cirúrgico”, diz Alexandre Jácome, oncologista do Oncobio, clínica da Oncoclínicas em Minas Gerais e um dos coordenadores da sessão clínica de câncer gastrointestinal no simpósio.

Outro tema abordado foi o câncer de pâncreas, que, segundo Gil, vem apresentando aumento de casos novos de mortalidade. Trata-se de um câncer desafiador, que na maioria dos casos é diagnosticado em fases avançadas, muitas vezes

incurável. As discussões tiveram dois enfoques. Primeiro a abordagem de lesões pré-malignas, particularmente as neoplasias intraepiteliais mucinosas (IPMN), cujo diagnóstico precoce pode levar a cirurgia com perspectiva curativa da doença pancreática, impedindo evolução para doença invasiva grave. A indicação da cirurgia e as técnicas de abordagem foram objetos de debate. O segundo enfoque foi sobre a doença mais avançada, mas ainda com possibilidade cirúrgica. O debate girou em torno do tratamento multidisciplinar e sobre o momento de se optar pela cirurgia inicial (antes da quimioterapia sistêmica ou o inverso). O papel da radioterapia nesse estágio da doença também foi discutido.

Uma das mesas da sessão de câncer gastrointestinal foi dedicada aos tumores hepatobiliares. Segundo Jácome, existem duas situações em que a conduta é clara. Tumores muito localizados com diagnóstico precoce são tratados com cirurgia. Já a doença avançada, sem perspectiva cirúrgica, recebe tratamento sistêmico. Novas drogas foram recentemente incorporadas no arsenal terapêutico dos tumores hepatobiliares. “A questão maior consiste em estabelecer o tratamento dos tumores que estão entre esses dois extremos. Não está clara a melhor conduta. Exploramos no simpósio este

cenário controverso, em que não há receita pronta, em que há certo grau de subjetividade, levando a incertezas”, afirma Jácome. A participação na mesa dos convidados do Dana-Farber Cancer Institute, Douglas Rubinson e Harvey Mamon, chefe da Divisão de Radioterapia Gastrointestinal da instituição, foi enriquecedora. Segundo Jácome, diferentemente do Brasil, no Dana-Farber é bastante explorado o papel da radioterapia. Isso trouxe uma visão contributiva e de grande interesse no evento.

Finalmente, o tópico sobre câncer de esôfago e estômago abordou recentes inovações sobre o papel da imunoterapia e outros tratamentos sistêmicos, indicação de cirurgia e a importância do exame de PET-CT não só no estadiamento do câncer, mas também na avaliação da resposta ao tratamento. Mais uma vez, a perspectiva multidisciplinar foi enfatizada como o caminho irreversível de construção de tomada de decisão no tratamento oncológico.

EXPEDIENTE

Publisher

Simone Simon

Editora e jornalista responsável

Daniela Barros (Mtb-SP: 39.311)

Curadoria

Senso Comunicação - Moura Leite Netto

Reportagens

Jiane Carvalho
Mariana Lenharo

Marketing Médico Oncoclínicas

Anna Carolina G. Cardim Azevedo
Débora Castro Giraldi
Renata Canuta Tenório

Arte e diagramação

Paulo Henrique Azevedo Stabelino

Mídias digitais

Ana Floripes Mendonça

Revisão

Patrícia Cueva

O 8º SIMPÓSIO INTERNACIONAL ONCOCLÍNICAS ACONTECEU INTEGRALMENTE EM FORMATO VIRTUAL

A pandemia não foi um fator limitador para esse evento. Ao contrário, o investimento em inovações e na programação científica, com a inclusão de cirurgias conduzidas ao vivo, o tornou ainda mais distinto.

O simpósio internacional anual do Grupo Oncoclínicas, em parceria com o Dana-Farber Cancer Institute, já se tornou uma tradição. Segundo Carlos Gil, presidente do Instituto Oncoclínicas e diretor científico do Grupo Oncoclínicas do Brasil, “o simpósio anual é o momento máximo do instituto”.

Durante sete anos, médicos de todo o país e dos Estados Unidos se reuniram presencialmente em um encontro que promove um amplo intercâmbio de experiências e aprendizado. No entanto, em 2020, momento em que a pandemia imposta pelo novo coronavírus trouxe tantos desafios e mudanças, o Grupo Oncoclínicas também precisou se adequar. Além dos novos protocolos adotados pelos seus centros em todas as cidades em que atua (“O Grupo teve uma resposta fantástica diante da pandemia, superior à dos hospitais de Boston, cidade em que atuo”, afirma Otto Metzger, oncologista clínico brasileiro que integra a equipe do Dana-

Farber), o simpósio também passou para um formato totalmente virtual.

Assim como nas edições anteriores, a programação do 8º Simpósio Internacional Oncoclínicas contou com diversos painéis temáticos para debater os últimos avanços da pesquisa clínica em oncologia. De acordo com o coordenador científico, Sérgio Azevedo, os principais objetivos desse encontro incluem os cuidados ao paciente como centro de toda atenção, educação médica e não médica continuada, relacionamento interprofissional e multidisciplinar e tecnologias da oncologia subespecializada e de precisão. “Dividimos o simpósio em 13 módulos simultâneos, representando as áreas do subprojeto de especialização do Grupo Oncoclínicas.”

Para o CEO do Grupo Oncoclínicas, Luis Natel, o 8º simpósio significa mais do que compartilhar conhecimento: “Para nós, a realização desse

encontro significa a síntese dos grandes aprendizados do ano de 2020”. E todo esse esforço valeu a pena, pois dele participaram mais de 5 mil pessoas de todo o país.

Ao todo foram 250 palestrantes (20 internacionais), responsáveis por ministrar as mais de 200 aulas. “Neste ano, em que completamos também dez anos do Grupo Oncoclínicas, abordamos no simpósio aquilo que fazemos diariamente em nossas clínicas, que são as melhores práticas, tecnologias, atendimento e atenção ao paciente oncológico”, diz Bruno Ferrari, fundador e presidente do conselho de administração do Grupo Oncoclínicas. Ele destaca também os temas envolvendo genômica e medicina de precisão, áreas que passaram por grande desenvolvimento nos dois últimos anos no Grupo.

Segundo Rodrigo Dienstmann, diretor médico do OC Precision Medicine, a medicina de precisão só tem sentido quando é um projeto de ponta a ponta: “A inovação deve estar presente dentro da linha de cuidado e da assistência oncológica para que o impacto seja o maior possível”. Ele explica que a medicina de precisão funciona como uma lente de aumento que possibilita ao médico enxergar as peculiaridades da doença, como por meio das tecnologias de sequenciamento, que identificam as alterações

moleculares específicas do tumor. “A partir do momento em que essas alterações são detectadas, precisamos saber qual caminho seguir. Por isso a importância de incluirmos esse tema em um evento como esse, para refletirmos com os colegas sobre como chegar à melhor tomada de decisão”, afirma Dienstmann.

Outra novidade deste ano foi a inclusão de seis cirurgias, realizadas ao vivo. Clínicos e cirurgiões tiveram a oportunidade de debater os procedimentos no cenário neoadjuvante, adjuvante e as combinações de terapias e cirurgias, inclusive a robótica. “A inclusão de grupos cirúrgicos representa um dos mais recentes avanços do conceito de medicina compartilhada”, comenta Azevedo. Paula Ugalde, cirurgiã torácica e líder da cirurgia do Grupo Oncoclínicas, explicou que o foco da programação cirúrgica foi a importância do tratamento multidisciplinar do câncer, com ênfase no que há atualmente em termos de tecnologia e inovação. “Um exemplo das cirurgias conduzidas ao vivo foi a nefrectomia parcial robótica, uma técnica bastante recente e ainda realizada em poucos centros”, diz.

Qualidade e excelência do atendimento sempre foram premissas do Grupo Oncoclínicas. Por isso, seu crescimento aconteceu reforçando

esse pilar e adicionando a sustentabilidade. A parceria com o Goldman Sachs Group, que se tornou sócio-controlador no ano de 2015, permitiu uma série de investimentos, que hoje se refletem no número de pacientes atendidos e nos significativos índices de sobrevida.

De acordo com David Castelblanco, responsável pela Divisão de Merchant Banking do Goldman Sachs Group, Inc. para a América Latina, um dos principais objetivos do Grupo Oncoclínicas é oferecer no Brasil o mesmo nível de atendimento que ocorre nos Estados Unidos: “Temos um Tumor Board composto pelos especialistas brasileiros e pelos americanos do Dana-Farber. Nele são discutidos os casos mais desafiadores. As condutas propostas são as mesmas utilizadas nos EUA, ofertando aos pacientes do Brasil o que há de mais moderno em terapias e condutas adotadas nos principais centros do mundo”.

Outra área que está sendo ampliada é a de radioterapia. Castelblanco contou que até o fim de 2020 o Grupo, que iniciou em 2010 com uma proposta integralmente clínica, terá 18 aparelhos de radioterapia de última geração. “Temos na equipe 35 rádio-oncologistas e 30 físicos médicos”, complementa.

Há cinco anos o Grupo atendia, anualmente, cerca de 30 mil pacientes. Hoje, são mais de 160 mil, acompanhados pelos 900 médicos nas 71 clínicas credenciadas.

Eric Winer, diretor de desenvolvimento clínico do Dana-Farber Cancer Institute, afirma que a parceria deles com o Grupo Oncoclínicas é muito importante. “O trabalho que fazemos não é limitado aos médicos. Temos também programas de treinamento para a equipe multidisciplinar, que inclui farmacêuticos e enfermeiros, com foco na qualidade do atendimento e na segurança do paciente”, relata.

Todos os avanços existentes na área da genômica permitem maior precisão em relação às anormalidades que impulsionam o crescimento tumoral. A individualização do tratamento, baseada no perfil molecular de cada paciente, oferece indícios do que esperar para o futuro da oncologia. “É por isso que nós, oncologistas, devemos nos atualizar sempre e cada vez mais. Não estamos simplesmente lidando com um câncer como o de mama, mas sim com um câncer de mama que abriga uma anormalidade bastante específica. Parcerias como essa entre o Grupo Oncoclínicas e o Dana-Farber em prol da educação são essenciais nesse cenário”, finaliza Winer.



 JOURNAL

INSTITUTO
 ONCOCLÍNICAS

TENHA ACESSO A TODAS AS EDIÇÕES DO OC JOURNAL,
ENTREVISTAS, BANCO DE AULAS DO SIMPÓSIO E A
MUITOS OUTROS CONTEÚDOS CIENTÍFICOS:



www.grupooncoclínicas.com/ocjournal



www.simpósiooc.com.br

**Acesse também por meio do QR Code.*

Realização:



Patrocínio:



SÃO PAULO

Av. Presidente Juscelino Kubitschek, 510

2º andar - Itaim Bibi - São Paulo - SP

CEP: 04543-906 - Tel.: 11 2678-7474